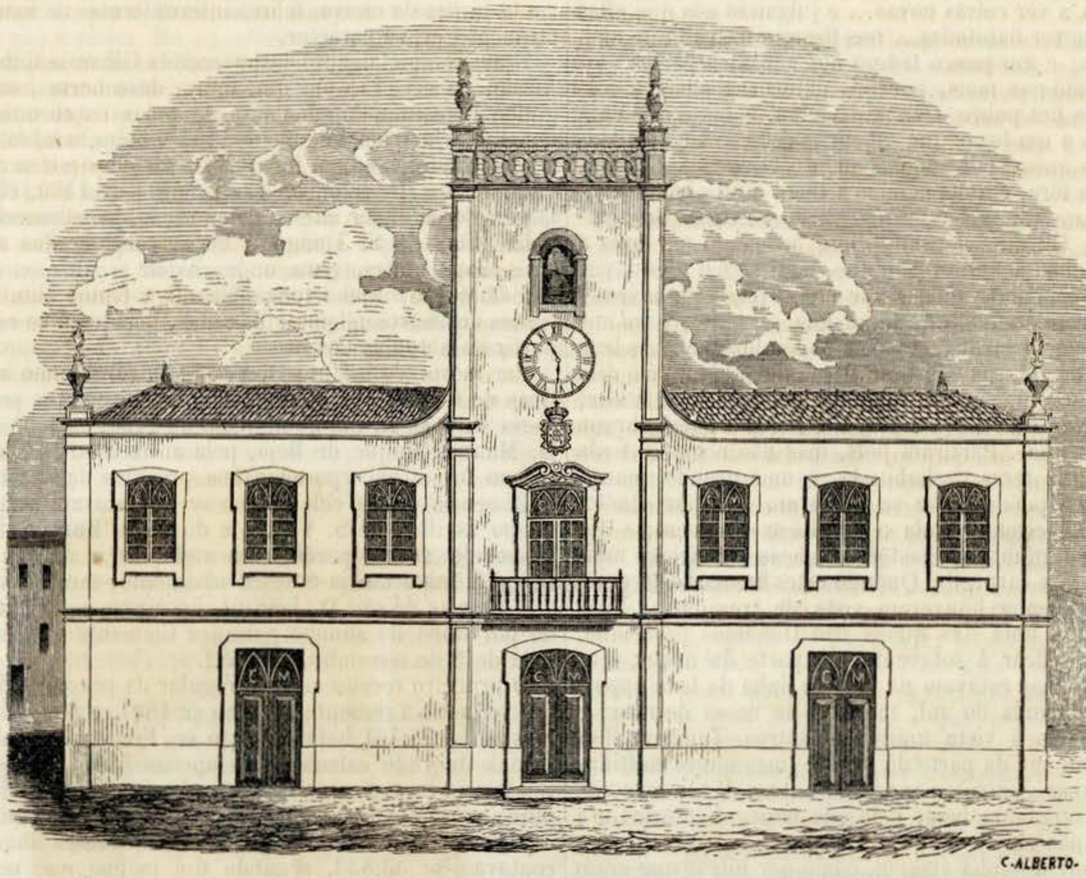


Palacio da camara municipal da cidade da Praia, na ilha de S. Thiago de Cabo-Verde

O ARCHIPELAGO DE CABO-VERDE

Havia-se já começado auspiciosamente, sob a iniciativa vigorosa e intelligente do grande e immortal infante D. Henrique, essa gloriosa serie de navegações e descobrimentos que encheram o mundo do nome portuguez.

Bartholomeu Perestrello descobrira a ilha do Porto Santo (1418 ou 1419), João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz a da Madeira (1419-1420), Gil Eanes, natural de Lagos, mais feliz que Perestrello e outros navegantes, dobrára o formidavel cabo Bojador (1429), Gonçalo Velho Cabral avistára as ilhas de Santa Maria e S. Miguel, que fazem parte do formoso e florescente archipelago dos Açores (1432-1444), Nuno Tristão, Antão Gonçalves, Diniz Fernandes, Gil Eanes, Pedro de Cintra tinham principiado, com varia fortuna, a exploração da costa e rios da Guiné, e o sabio fundador da eschola de Sagres, antevendo um futuro de grandeza, de opulencia, de consideração politica, social e economica, de gloria, finalmente, para a patria que tão estremecidamente amava, recebia assim as primicias dos seus esforços e cogitações de todos os momentos; nem permittiu Deus que a luz de um dos maiores engenhos que Portugal jámais ha produzido se apagasse para sempre sem se realisar o descobrimento das tres ilhas de Cabo Verde, *Maio, S. Thiago e Fogo* (S. Filippe), effectuado no 1.º de maio de 1460 por Antonio de Nola, navegador genovez, que desgostoso das coisas da sua terra, viera, com seus sobrinhos Bartholomeu e Rafael de Nola, offerecer ao magnanimo principe o concurso da sua experiencia e actividade.

Das demais ilhas que constituem aquelle archipelago não ha memoria do anno em que fossem descobertas; sendo comtudo de presumir que, por afastadas da então ordinaria derrota das naus do reino, só mais tarde se houvesse perfeito conhecimento da ilha de *Santo Antão*, da de *S. Vicente*, da de *Santa Luzia*, e por ventura da de *S. Nicolau* [1].

Isto é o que parece mais averiguado; é certo porém que Luiz de Cadamosto, outro genovez ao serviço do infante, põe o descobrimento das ilhas da Boa-Vista, S. Thiago, S. Filippe e outra em 1446, attribuindo-se uma parte importante n'este successo.

Eis como elle o conta em sua curiosa relação [2].

« Sendo o tempo favoravel, não tratámos de tocar nas ditas ilhas (Canarias), mas continuámos a navegar para o sul na nossa derrota; e com a corrente das aguas, que corriam com impeto para o sudoeste, escorremos muito: ultimamente chegámos ao cabo Branco, e tendo vista d'elle nos alargámos um pouco ao mar: na noite seguinte assaltou-nos um temporal do sudoeste com vento furioso; pelo que, para não tornar para traz, fizemo-nos na volta do O.N.O. para pairar: aguentámos assim duas noites com tres dias, havendo ao terceiro vista de terra; e gritando todos *terra, terra*, muito nos maravilhámos; porque

[1] Lopes de Lima. *Ensaios sobre a estatistica das possessões portuguezas na Africa occidental e oriental*, etc. 1844. Tom. I.

[2] *Navegações de Luiz de Cadamosto*, nas Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, publicadas pela academia real das sciencias de Lisboa. Tom. II.

não sabiamos que n'aquellas paragens houvesse terra alguma, e mandando subir ao mastro dois homens, descobriram duas grandes ilhas; o que sendo-nos noticiado, démos graças a Deus N. Senhor que nos levava a ver coisas novas... e julgando nós que ellas podiam ser habitadas... nos fizemos na volta de uma d'ellas; e em pouco tempo nos achámos perto: avisinhando-nos mais, por nos parecer grande, a costeámos um pouco á vista da terra, e tanto que chegámos a um logar que julgámos estação segura, lançámos ancora; e abonançando o tempo, deitámos a lancha fóra, e a mandámos a terra muito bem armada, para ver se havia homens ou vestigios de habitação. Os nossos partiram, e buscando por toda a parte, não acharam caminho, nem signal algum por onde se podesse inferir que era povoada; e havendo esta relação d'elles, na manhã seguinte, para me acabar de aclarar de todo, mandei doze homens bem providos de armas e béstas que deviam subir á dita ilha, por uma parte onde ella era montuosa e alta, para ver se achavam alguma coisa, ou descobriam outras ilhas. Partiram pois, mas não acharam nada mais que terra deshabitada, e uma grande quantidade de pombos que se deixavam apanhar á mão, não conhecendo ainda o que fosse o homem; e dos que mataram com bastões e maças trouxeram muitos para a caravella. Quando estes homens estiveram na montanha houveram vista de tres outras ilhas grandes, uma das quaes não tinhamos percebido, por nos ficar a sotavento, da parte do norte; e as outras duas estavam na mesma linha do lado opposto, da banda do sul, tambem na nossa derrota; e todas tres á vista umas das outras. Tambem lhes pareceu ver da parte do poente (mas muito mettidas pelo mar dentro) a modo de outras ilhas; mas não se enxergavam bem, pela sua muita distancia: e a estas não cuidei de ir, tanto por não perder tempo, e seguir a minha viagem, como por julgar que eram deshabitadas e selvagens, como eram est'outras duas: mas depois, pela fama d'estas quatro ilhas que eu tinha descoberto, outros que chegaram aqui as foram reconhecer, e acharam serem dez entre grandes e pequenas, todas deshabitadas: não havendo n'ellas senão pombos e aves de estranhas sortes, e grande pescaria de peixes.»

Muitos escriptores antigos e modernos, entre os quaes figura o erudito e respeitavel D. fr. Francisco de S. Luiz, cardeal Saraiva, acreditaram no testimunho de Cadamosto. Mas a falta absoluta de qualquer documento authentico respectivo ás ilhas de Cabo Verde anteriormente a 1460, o silencio de Azurara, que concluindo a sua chronica em 1453, e descrevendo com a usual minuciosidade todos os descobrimentos realisados até 1448, nem uma palavra diz acerca d'aquellas ilhas, o exame attento da propria relação de Cadamosto convencem de falsas as suas asserções, e deixam assentada a data do descobrimento em 1460, poucos mezes antes do fallecimento do inclito D. Henrique, que, como é sabido, pereceu em 13 de novembro d'este anno.

O archipelago de Cabo Verde está lançado no oceano Atlantico, a 500 kilometros proximamente do Cabo Verde, que é o mais occidental da Africa (*Arsenarium promontorium* dos antigos), em 13 graus e 17 minutos de latitude N. e 24 gráos e 27 minutos de longitude O. [1]

Compõe-se de dez ilhas, divididas em tres grupos, a saber: ao noroeste Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia e S. Nicolau; ao nordeste ilha do Sal e Boa-Vista; e ao sul ilhas de Maio, S. Thiago, Fogo e Brava. Estas ultimas quatro são chamadas vulgarmente de *sotavento*, e as demais de *barlavento*.

Está avaliada a superficie das dez ilhas em cerca de 1:300 milhas quadradas: o clima é em geral sadio, se exceptuarmos a ilha de S. Thiago, aliás a mais importante do archipelago, e a de Maio, aonde reinam desde junho até outubro, que são de ordinario os mezes de chuva, febres intermittentes de mais ou menos grave caracter.

Eram completamente despovoadas as ilhas de Cabo Verde, na occasião em que foram descobertas, segundo o testimunho unanime de todos os chronistas. Em principios do anno de 1462, porém, o infante D. Fernando, a quem haviam sido doadas por provisão del-rei D. Affonso, de dezembro de 1460, começou de entender na sua colonisação, principiando pelas ilhas de S. Thiago e Fogo, consideradas as mais importantes, para onde enviou criados seus, mandando ao mesmo tempo buscar a Guiné alguns casaes de negros jalofos e balantas, por quem se repartiram algumas terras.

Por morte do infante D. Fernando reverteram as ilhas de Cabo Verde á coroa. Doadas novamente por el-rei D. João II, em 30 de maio de 1489, ao senhor D. Manuel, duque de Beja, pela accessão d'este ao throno foram encorporadas nos proprios da nação.

Dissemos que a colonisação se limitára até certo tempo ás ilhas de S. Thiago e do Fogo. Em meado do seculo XVI já porém este archipelago attingira bastante importancia e desenvolvimento; tanto que, a instancias del-rei D. João III, foi erecto em bispado por bulla do summo pontifice Clemente VII, datada de 3 de novembro de 1532.

O primeiro recenseamento regular da povoação de que ha noticia remonta ao anno de 1807, e attribue-lhes então 58:401 habitantes; o sr. Franzini, no almanak de 1826 calculou-lhes apenas 55:600, ignorando-se a base de que se servira para aquelle computo; em 1834, depois da espantosa fome que, por espaço de tres annos, affligiu e devastou estas ilhas, contavam-se 55:833, segundo um mappa que nos apresenta o sr. Lopes de Lima nos seus *Ensaios estatisticos*. Em 1844 procedeu-se a um apuramento geral, e verificado esse apuramento em 1846, reconheceu-se que havia em Cabo Verde, excluindo as possessões da Senegambia annexas, 83:658 habitantes, no numero dos quaes se contavam 5:659 escravos de ambos os sexos.

Escasseiam, ou, para melhor dizer, faltam inteiramente estatisticas desenvolvidas de epochas mais recentes; póde porém calcular-se a actual população das ilhas de Cabo Verde em 100:000 almas, approximadamente, incluindo n'este numero 5:181 escravos registados, sendo 2:517 do sexo masculino, e 2:664 do sexo feminino [1].

Esta população acha-se distribuida pelas dez ilhas do modo seguinte, segundo apontamentos que temos presente:

ILHAS	POPULAÇÃO
S. Thiago	36:000
Fogo	12:000
Brava	6:000
Maio	3:000
Boa Vista	7:000
S. Nicolau	10:000
Santo Antão	22:000
S. Vicente	2:500
Sal	500
Santa Luzia	1:000
	100:000

Quem avaliar a riqueza e productividade d'estas ilhas pelo seu aspecto exterior, fará de uma e outra

[1] Bouillet, *Dictionaire universel de histoire et de geographie*, 1856.

[1] Relatorio apresentado ás cortes em 1859.

bem mesquinha idéa. Com effeito as suas costas, eriçadas de rochedos, as suas elevadissimas montanhas, despidas de arvoredo, as suas praias arenosas, indicam ou fazem presumir a existencia de um solo improprio para cultura, absolutamente esteril mesmo. E não é assim. Ha no interior de todas as ilhas, menos nas do Sal e Boa Vista, optimos terrenos fertilisados por numerosas ribeiras, que produzem excellentemente quanto d'elles se queira tirar. São de feito muitas as producções do archipelago, devendo-se notar como mais preciosas o anil, descoberto em 1701; o sene em 1783; a purgueira, que constitue um vastissimo ramo de cultura e commercio; o café, de soberba qualidade; o algodão; o tabaco; a canna de assucar; a mandioca, o amendoim e o cacau. As salinas naturaes e artificiaes da Boa Vista e do Sal alimentam tambem muita navegação, calculando-se a exportação annual em cerca de 50:000 moios.

Além d'estes productos, em Cabo Verde dão-se bem quasi todas as plantas da Europa e America. Todos os animaes domesticos conhecidos em Portugal alli se criam magnificamente; e nos seus mares ha muitas baleias, tartarugas e variadas especies de peixe, sendo extraordinaria a sua quantidade no baixo de João Leitão.

O movimento do commercio d'estas ilhas não é tão consideravel como aliás devêra suppor-se; entretanto, representando em 1841-1842 o valor de 150:613$000 réis apenas, esse movimento excede hoje a 500:000$000 réis, e tende a crescer successivamente.

Os generos principaes que aquellas ilhas exportam são: purgueira, sal, café, couros, assucar e aguardente. O algodão apenas apparece nos mappas representado por quantidades insignificantes; se, porém, como cumpre, se animar a sua cultura, em poucos annos poderá figurar entre os seus mais valiosos productos.

São os costumes dos insulares de Cabo Verde os mesmos, com pouca differença, dos habitantes da visinha costa, temperados comtudo pela suavidade da religião christã, continuo trato e enlaces com os portuguezes; são hospitaleiros no mais alto grau, e se não se distinguem pela actividade e industria, é certo que se não negam ao trabalho e que não são destituidos de habilidade.

Não é tambem grande a cultura intellectual d'este povo; entretanto não póde dizer-se que esteja sepultado nas trevas da ignorancia e privado de todos os meios de instrucção. Ha alli uma eschola, chamada principal, com dois professores; 41 professores de instrucção elementar, e 3 de sciencias ecclesiasticas, e não consta que lhes faltem discipulos. Além d'isto 10 alumnos são mantidos pela provincia no seminario de Santarem, e muitos de seus filhos tem vindo buscar no reino a instrucção que alli não poderiam obter.

Regularmente povoadas de uma raça docil, e n'um certo estado de civilisação, em grande parte sadias, collocadas na mais excellente posição geographica, e produzindo tão valiosas especiarias, as ilhas de Cabo Verde deveriam ter chegado a um alto grau de prosperidade, se por vezes as não açoitassem terriveis calamidades, provenientes, em grande parte, da falta de chuvas nas epochas proprias.

Contam-se desde 1747 quatro fomes geraes; a primeira durou dois annos; a segunda, em 1773, tres, e occasionou horriveis estragos; foi a terceira em 1831, a qual durou egualmente tres annos, tendo produzido a morte de mais de 12:000 habitantes; a quarta foi em 1846, mas d'esta vez menos desgraças occorreram em consequencia das providencias que se haviam tomado.

Em 1850, pelo contrario, extraordinarias chuvas e um horrivel vendaval causaram enormes perdas nas ilhas de Santo Antão, S. Vicente, S. Nicolau e Boa Vista, arruinando quasi todas as habitações, e destruindo as cearas, com a morte de muito gado.

Infelizmente estes graves transtornos e calamidades, dependentes de condições meteoricas e climatericas anormaes, repetem-se com certa frequencia. Nos ultimos annos, porém, calamidades de outro genero afligiram os bons insulares, atrazando e arriscando gravemente o desenvolvimento da riqueza do archipelago.

A cholera-morbus invadiu em 1853 a ilha de S. Vicente, deixando-a quasi despovoada. Em 1854, 1855, 1856 e 1857 deu-se grande escassez de subsistencia, aggravada com a invasão de tres epidemias: cholera-morbus, bexigas e escorbuto; devendo notar-se, que foram ainda as ilhas consideradas mais salubres, como S. Vicente, Santo Antão e S. Nicolau, as flagelladas n'estes annos com assás violencia. Por esta occasião o governo da metropole, como era do seu rigoroso dever, acudiu em auxilio dos pobres ilheos; promoveram-se subscripções por toda a parte, sollicitou-se do corpo legislativo a necessaria auctorisação para um auxilio de 50:000$000 réis; e de feito não só se enviou esta quantia, senão muito mais, montando os soccorros remettidos para Cabo Verde, por conta do governo, a réis 76:693$704 [1].

Comtudo, apesar de tão graves transtornos, e da pouca sollicitude que a administração colonial ha merecido quasi sempre, é innegavel que as ilhas de Cabo Verde tem progredido, o que prova que ha alli solidos elementos de prosperidade; além d'isto, está demonstrado que é possivel remediar, ao menos em parte, as tristes eventualidades que apontámos: o melhoramento das condições hygienicas das habitações, e o deseccamento de alguns pantanos, ou afastarão de todo, ou devem attenuar o effeito das causas morbificas que alli actuam com certa energia; por outro lado a arborisação dos terrenos, hoje escalvados, a canalisação e limpeza das ribeiras, a abertura de estradas, e o desenvolvimento do commercio e da agricultura trarão áquellas ilhas, e talvez em um futuro não mui remoto, meios abundantes, civilisação, riqueza.

Daremos agora uma idéa do mechanismo administrativo e do regimen economico da antiga capitania general, e presentemente governo geral da provincia de Cabo Verde.

O primeiro governador que alli houve foi Duarte Lobo da Gama, nomeado em 1592: até esse tempo aquellas ilhas eram governadas simplesmente por capitães donatarios de mercê em vidas.

Nem sempre, entre os setenta e tres governadores e capitães generaes que tem tido, desde o que acima nomeámos, esta possessão ultramarina, e as primeiras auctoridades, judicial e ecclesiastica, ha reinado o melhor accordo; bem pelo contrario, ainda mal, muitas vezes se deram graves desintelligencias, que romperam em aberta hostilidade, commettendo-se por essa occasião muitos excessos e depredações de toda a especie, que poderiamos aliás indicar, se a sua historia, alheia ao nosso proposito, nos não levasse tão longe.

Actualmente, a administração provincial regula-se pelo decreto de 7 de dezembro de 1836, desenvolvido e explicado por outro de 28 de setembro de 1838. Em conformidade d'esses diplomas preside a toda a administração politica e civil um governador geral, com as honras dos antigos capitães generaes, accumulando as attribuições administrativas dos governadores civis dos districtos do reino, e as militares dos generaes commandantes de divisões. Junto d'esta

[1] Relatorio apresentado ás côrtes em 1859.

auctoridade funcciona um conselho de governo, que a lei manda ouvir nos negocios mais graves, e uma junta geral de districto: em tudo o mais rege o codigo respectivo, com as modificações contidas em diversas provisões especiaes.

A primeira organisação regular do serviço de fazenda em Cabo Verde data de 1769; anteriormente os rendimentos publicos eram, na sua maioria, arrematados; as consequencias de tal systema foram as que, de ordinario, d'elle se derivam: o erario foi quasi sempre fraudado em seus legitimos interesses, e os contribuintes intoleravelmente vexados.

Existe por fortuna um documento precioso que o prova exuberantemente; esse documento, que tem por titulo *Livro em que se contém toda a fazenda e real patrimonio dos reinos de Portugal, India e ilhas adjacentes*, etc., escripto por Luiz de Figueiredo Falcão [1], revela qual era o estado da fazenda publica de Cabo Verde nos primeiros annos do seculo XVII.

Da declaração inserta n'este, em verdade importantissimo, livro, vê-se que o rendimento da *ilha* de Cabo Verde se arrematára em janeiro de 1602, por nove annos, a Jacome Fixer e Custodio Vidal, por 27:000$000 réis cada anno, dando os arrematantes fiança em juros e fazendas.

Na mesma epocha dispendiam-se em ordenados da clerezia e officiaes da fazenda e justiça e ordinarias 6:063$716 réis; a saber:

Ao bispo e clerezia, incluindo o valor de 48 arrobas e 20 alqueires de farinha que se davam para despeza das egrejas	4:015$516
Ao governador e officiaes da fazenda, incluindo 200$000 réis ao dito governador, como provedor da fazenda del-rei..	1:226$000
Ao ouvidor e mais officiaes da justiça	378$600
Aos officiaes da guerra	443$600
Deveriam pois sobrar da receita......	20:936$284

Mas o modo por que este rendimento e sua applicação foram fiscalisados, póde avaliar-se pela seguinte nota de Falcão, que copiámos textualmente, sem mais commentario:

« Mandou-se fazer conta com elle (arrematante). Constou por ella que deuia do primeiro contrato e da pimenta que comprou 68:497$924. Em 31 de dezembro de 605 se compoz com S. Magestade para lhe pagar 65:000 cruzados que disse que deuia em 2166 q.^s 2. 21. de cobre de Ungria a 12$000 réis o quintal. E que do dito anno de 607 em diante pagaria, no dito cobre, ao dito preço os 20 contos. Que daria por fiador a Luiz Roiz de Paiua. Não comprio cousa algũa do assento de composição. S. Mag.^e por carta de 5 de mayo de 606, mandou que se puzesse a dita renda em quebra. E se arrecadasse do dito Fixer o que deuia. Arrendouse em 16 contos. Quebrou 11 contos. Este arrendamento de 16 contos se fez a João Sueiro que corre com elle. »

Ao quasi abandono a que foram votadas as nossas possessões africanas, depois de se activar a colonisação do Brasil, é de presumir que similhante estado tivesse mui pouco sensivel melhora até o tempo em que a legislação de 1769 organisou regularmente a administração da fazenda; d'então para cá as cousas começaram a caminhar com certa regularidade, e apesar das calamidades, provenientes das causas que apontámos, e das dissenções civis que por tantas vezes tem affligido o archipelago de Cabo Verde, é certo que se nota mui grande augmento na receita publica, e que esse augmento, na ausencia do rendimento da urzella, que avultava cerca de réis 100:000$000, e cessou quasi inteiramente por effeito do decreto de 16 de janeiro de 1837, revela incontestaveis progressos e incremento consideravel de riqueza.

[1] Foi impresso por ordem do governo em 1859.

Com effeito, os rendimentos da provincia (não contando o producto da urzella, que aliás lhe não aproveitava), que em 1827 foram orçados em 33:000$000 réis, apparecem calculados no orçamento para 1850-1851 em 78:444$270, e no de 1857-1858 na somma de 98:971$000 réis, e no de 1860-1861 em 103:152$162 réis.

N'este ultimo documento a despeza foi orçada em 126:931$815 réis, distribuidos pelo modo seguinte:

Administração geral	39:000$000
» de fazenda	16:473$000
» ecclesiastica	8:930$000
» de justiça	3:314$000
» militar	45:617$115
» de marinha	3:967$000
Encargos geraes	3:515$500
Diversas despezas	4:115$200
	126:931$815

Se compararmos esta com a verba da receita achar-se-ha um deficit avultado; comtudo é certo que, graças ao augmento innegavel do commercio, á facilidade e rapidez das communicações, á administração honrada, activa e zelosa dos ultimos annos, devendo especialisar-se como mui dignos de encomios, os governos dos conselheiros Antonio Maria Barreiros Arrobas e Joaquim Cabral Calheiros de Menezes, não só o rendimento faz já face a toda a despeza, mas foi possivel ainda emprehender obras importantissimas, em que só no anno de 1860 se dispenderam nada menos de 50:071$672 réis.

A legislação por que se regula a administração financeira é o decreto de 16 de janeiro de 1837, que restaurou a antiga junta, com a respectiva contadoria, creada pela carta regia de 10 de abril de 1769. Por decreto de 17 de setembro de 1851 estabeleceram-se alfandegas de despacho geral em todas as ilhas, e deu-se-lhes uma pauta especial, com o que muito ganharam os respectivos habitantes.

(Continúa)

LENDAS, TRADIÇÕES E CONTOS HESPANHOES [1]

Com este titulo vae publicar o nosso antigo collaborador, P. de Brito Aranha, uma selecção de lendas e tradições de Hespanha, escriptas por auctores contemporaneos

Divide-as em dois volumes; no primeiro vem as *lendas e balladas;* no segundo os *contos e tradições*. As lendas vasconças, ou biscainhas, são de D. José Maria de Goizueta, que prima n'este genero de narrativas, e é tão popular no reino visinho, que ha já quatro edições d'estas suas lendas. Os contos e tradições pertencem principalmente a D. Pedro de Alarcon, severo chronista da ultima guerra de Marrocos; e a D. Antonio de la Trueba, imaginoso poeta, e romancista notavel.

Toda a peninsula é riquissima de tradições populares, de lendas guerreiras, piedosas e moraes. Entre nós tem sido mui pouco lavrada esta mina litteraria. Encetou-a o sr. A. Herculano, mas raros o hão seguido.

Em Hespanha não tanto. E principalmente ha an-

[1] Dois volumes de 400 paginas cada um. Publicar-se-ha uma caderneta de 32 pag. por semana; preço 50 rs. Assigna se na imprensa da universidade de Coimbra: na livraria de Cruz Coutinho, Porto; em Lisboa na typographia do *Futuro*, rua da Cruz de Pau.

nos a esta parte, muitos dos seus vigorosos talentos se tem applicado a desentranhar e divulgar esta copiosa herança de seus antepassados. Os dois auctores escolhidos pelo sr. Brito Aranha, são dos mais notaveis n'este ramo de litteratura, mas entre nós quasi desconhecidos. É inexplicavel o porque são tão raros os livros hespanhoes nos livreiros de Lisboa. O serem mais caros que os francezes, e que os nossos, não devia ser razão para que se não provessem d'elles. Estabeleça-se o mercado, que estamos certos lhes não faltará venda.

O facto é que a litteratura do reino visinho não se conhece em Portugal, e vice-versa. E todavia a lingua não póde ser mais chegada á nossa, e as tradições populares são quasi communs a ambos os reinos.

Para a aclimar entre nós, tem o sr. Brito Aranha traduzido e publicado já em diversos jornaes muitos romances, lendas e contos hespanhoes. O *Archivo Pittoresco*, preferindo-os ás novellas francezas, e com o mesmo intuito de os vulgarisar em Portugal e no Brasil, tem-no encarregado da versão e imitação de alguns que os nossos leitores já conhecem.

N'este exercicio de muitos annos, tem adquirido o sr. Brito Aranha a facilidade de trasladar fielmente os originaes mais intricados na linguagem das provincias vascongadas, e mais elevados no estilo das balladas. Os proprios auctores o tem reconhecido e publicado por cartas que estão impressas.

A locução em que estas versões e imitações estão feitas, podêmos abonar que é portugueza, correcta, e por vezes aprimorada. É esta uma vantagem de traduzir do idioma hespanhol, não menos copioso e loução que o nosso, dado que o original seja de auctor não contaminado da lepra dos gallicismos, a que os escriptores do reino visinho fogem mais que os nossos.

Outro merito tem o sr. Brito Aranha, e é que, apesar de mancebo, escolhe sempre originaes onde predomine a sã moral, e se dêem lições e exemplos de proveito para os bons costumes.

Sirva de prova, além de outras já exhibidas n'este mesmo jornal, a lenda que abaixo publicâmos como amostra das que hão de entrar na selecção que elle vae imprimir. A perfida seducção historiada d'esta lenda, é castigada com um supplicio inaudito, e tal que fará estremecer os que forem tentados a perpetrar esse crime, infame e covarde, a que está sujeita a credulidade da mulher.



Alfandega da ilha de S. Vicente de Cabo-Verde

O CAÇADOR NEGRO

LENDA VASCONÇA

I

— Acavallo, acavallo, meus amigos! Toca a trompa, meu bom monteiro; Zafiro relincha; Zafiro escarva a terra com as ferradas patas. Alerta, preguiçosos! Subamos o Iru; em suas serras e mattos encontraremos a corça que hontem zombou de nossos esforços; a corça de pelle vermelha e ligeirissimos pés.

E dizendo isto, o barão de Garro, o gentil Luiz de Lehet, montava o negro potro nascido nas margens do Vidassôa [1], cujos primeiros relinchos despertaram os echos de Altobiscar.

[1] Ou *Bidassoa*, rio que nasce em Navarra (Hespanha), e corre entre a França (Baixos-Pyreneos) e a Hespanha (Guipuscoa). Tem um curso de 65 kilom., e vae lançar-se no golpho de Gascunha.

O pateo quadrado do nobre edificio ficou apinhado de cavalleiros, pagens, escudeiros, peões, olheiros, e cães de todas as raças.

O disco do sol assomou no cume da montanha, e a brilhante cavalgada saíu para o campo ao som de marcial estrepito, cruzou o Nive [2], e entranhou-se em solitarios barrancos e estreitos valles.

Quando a pluma de garça que adornava o chapeo do barão se perdeu de vista no carvalhal visinho, ouviu-se um debil suspiro no seu abandonado solar.

A fria escarcha dobra com o seu peso a debil flor.

Vê-se murcha, descórada, perdida a elasticidade da haste; ainda porém lhe resta um sopro de vida, e volve anciosa a corolla para o Oriente em demanda do sol.

A pomba viuva, tristemente poisada no ramo que lhe sustém o ninho, anima-se, alegra-se, ouvindo o arrulho do pombo que fende os ares com pesado vôo.

[2] Rio nos Baixos-Pyreneos. Curso de 65 kilom.

Ai! o pombo passa... prosegue no seu caminho... vae em busca do seu par... desapparece...

A viuva, enganada em sua esperança, olha então melancolicamente para o ninho solitario... e chora a sua viuvez e desamparo.

Como a flor que deseja um raio de sol que a vivifique; como a solitaria pomba que chama incessantemente o companheiro; assim Bertha de Labrit em vão deseja um olhar de Luiz, em balde o chama para seu lado.

Porém o senhor de Lehet nem escuta as vozes da joven esposa, nem repara nos seus olhos lacrimosos.

Porque o som das trompas de caça, o estrepito das orgias lh'o impedem.

Porque os olhos de Luiz tem muito que ver, para reparar nas lagrimas de sua mulher.

O debil suspiro que se ouviu no solar, era a expressão de dor que causava a Bertha o seu abandono.

Para se consolar valeu-se da religião; e posta de joelhos ante a imagem da Mãe de Deus, pedia-lhe com fervor que apartasse o marido da senda de perdição pela qual caminhava, e o voltasse á sua graça.

Em quanto as humildes preces subiam ao ceo, Luiz de Lehet atroava os montes com gritos de triumpho e alegria, a que os companheiros faziam côro.

Ebrio com tanto ruido, com o tinir das armas, com o latir dos cães, e o relincho dos cavallos, Luiz corria phrenetico por montes e valles.

O firmamento annuviou-se de subito.

Uma nuvem branca principiou a formar-se no cume do Iru; estendeu-se pausadamente de modo prodigioso, e os raios do sol não tiveram força bastante para rompel-a.

A nuvem condensou-se. Tornou-se cinzenta, depois côr de chumbo, e, por fim, negra.

O ambiente foi aquecendo. O vento retirou-se para cavernas desconhecidas.

Porém Luiz perseguia a dois passos de distancia um veado de dez esgalhos, e nada mais via.

De repente a montanha sacudiu a fronte granitica; ouviu-se horroroso estampido cortando o ceo por mil partes, e centenares de raios se desprenderam das nuvens.

Luiz achava-se só, rodeado de matto espesso e de tenebrosos precipicios.

O ginete parou.

— Upa! Zafiro, upa! — gritava o senhor de Lehet, incitando o nervudo animal.

Porém o cavallo endireitava as orelhas, lançava sonoros sopros, occultava a formosa cabeça entre as mãos, e permanecia immovel.

— Upa! — repetia o barão. — C'os diabos! se me não tiras d'este mau passo, entrego-te á primeira matilha de lobos que encontrarmos.

Zafiro começou a tremer, mas ficou quieto.

— Maldita tempestade, e maldito seja quem a envia! — gritou Luiz com furia.

E começou a tocar a buzina com toda a força dos pulmões.

Ninguem respondeu áquella blasphemia. Ninguem ouviu o som da buzina.

A tormenta augmentava a cada instante.

Rasgou o caçador com as esporas os ilhaes do cavallo, ao mesmo tempo que um raio cortava com infernal estrondo o pinheiro mais elevado d'aquelles bosques.

Zafiro partiu com a rapidez da flecha.

Se em meio da furiosa carreira encontrava acaso algum barranco, parava um momento, e saltava para o lado opposto, sem que o elastico dorso se resentisse, sem que as sêccas pernas se dobrassem.

— Upa! upa! — gritava entretanto Lehet, enterrando sem compaixão as esporas no ventre do cavallo, e afrouxando as redeas.

A noite avançava tetrica, escura, cheia de mysterios.

O ginete voava sem direcção, e na desesperada carreira salvava torrentes, atravessava pantanos, cruzava bosques.

E entre trovão e trovão, ouvia-se o estridente grito de Luiz:

— Upa! Zafiro! Upa! Prometto-te duplicada ração de aveia fresca, e pão ensopado em vinho.

E o cavalleiro todo inclinado no recurvado collo do ginete, perdêra o chapeo, partira em mil partes os estribos, e via-se coberto de lodo.

Zafiro rinchou de improviso.

Longinqua luz se divisára no meio das trevas; o cavallo fez um esforço supremo; apressou o galope, e chegou á porta de uma pobre cabana.

O barão de Garro desmontou-se, e pela fechadura da carcomida porta olhou para o interior da vivenda.

Occupavam-n'a duas mulheres ao pé do lar.

Uma passava dos quarenta annos; a outra apenas contaria dezoito.

A mais edosa, sentada n'uma poltrona de madeira, fiava tranquillamente; em quanto a outra, tambem sentada, mas n'um tamborete baixo, tinha apoiados os cotovelos nos joelhos, e o rosto nas palmas das mãos.

Uma certamente contava alguma historieta; a outra ouvia-a com profunda attenção e infantil curiosidade.

Em breve lhes chegou aos ouvidos o relincho de Zafiro.

— Deus proteja o caminhante, — disse a fiandeira persignando-se. Maria, — proseguiu dirigindo-se á companheira, — alguem se aproxima da nossa pobre morada; preparemo-nos para cumprir o sagrado dever da hospitalidade.

N'este momento o barão de Garro applicava o olho á fechadura.

Maria levantou-se do tamborete e approximou-se da porta.

Luiz de Lehet afastou-se; a porta abriu-se, e a joven montanheza chegou ao limiar com a luz na mão.

— Tendes uma cama de feno para o pobre viajante? — perguntou o barão avançando.

— Entrae, senhor, — respondeu Maria; — a cabana de minha mãe está sempre aberta para os caminhantes perdidos.

— Uma bocca tão linda como a vossa, gentil menina, só póde soltar palavras doces e consoladoras.

Maria sorriu-se, e convidou a entrar o estrangeiro.

Serviu-se uma ceia frugal; deu-se ao viajante flexivel cama de musgo; e mãe e filha retiraram-se para a sua alcova.

Maria olhou para o hospede ao sair da cozinha, e é fama que Luiz de Lehet não dormiu aquella noite.

II

Decorreram muitos dias depois da famosa caçada.

O barão de Garro deixa a casa solarenga antes de amanhecer. Á saída do sol os echos das montanhas repetem:

— Upa, Zafiro! Upa!

E atravez dos pinhaes, corre veloz como o vento o potro negro do barão.

— Bons dias, Maria, bons dias; — disse, saltando do cavallo, e approximando-se d'ella. Aqui me tens como hontem, como desde o primeiro dia que te conheci.

— E eu torno a ver-te satisfeita, Luiz; só temo que o senhor a quem serves note as tuas frequentes ausencias. Pobre Zafiro! — acrescentou acariciando o cavallo — que me vem buscar á mão o molho de herva fresca com que o regalo todos os dias.

— O meu ginete corre tão ancioso como eu em tua procura, querida Maria; elle, para receber o teu mimo; eu, para rever-me em teus olhos, para deleitar-me com o teu sorriso, para estreitar-te em meus braços.

— Dize-me, Luiz, porque não pedes a minha mão? Minha boa mãe quer-te muito, falla-me de ti todas as noites, e diz-me que seria feliz se me visse unida a ti.

— Ainda não é tempo, Maria; porém não duvides de que um dia serás minha esposa.

— Talvez que se opponha á nossa felicidade teu senhor, o barão de Garro. Oh! que homem, Luiz, que homem! Porque não deixas o seu serviço? Tarde ou cedo se condemnará esse malvado, e receio, meu Luiz, receio que a sua alma arraste a tua ao inferno.

— Não falles mal, minha amiga, de quem me senta á sua mesa, e abriga sob o seu tecto.

— Não sou inclinada a fallar mal de ninguem, querido Luiz; e bem sabe Deus quanto rezâmos, minha mãe e eu, pela conversão de Lehet.

— Ah! — exclamou Luiz, dando-lhe um osculo na testa — rezaes por elle? N'esse caso não póde deixar de salvar-se; os rogos dos anjos chegam infallivelmente ao throno de Deus, desarrugam-lhe a fronte, e desarmam-lhe a colera.

— Não, Luiz, não; Deus não nos ouve, visto que o barão abandona a esposa, prophana os templos, e ultraja as virgens do senhor. Oh! Deus me livre e guarde da sua vista!

— Muito mal lhe queres, Maria, muito mal! — exclamou Luiz com triste accentuação.

— Compadeço-me d'elle, e temo-o, meu amor; nada mais. Comtudo, pela sua salvação dou tudo quanto possuo.

— Pobre barão! Elle ha de salvar-se, Maria, sem que faças algum sacrificio. Acaso tens ouvido que recentemente haja commettido novos crimes?

— Diz o povo que se ausenta só do castello, e que ninguem sabe para onde dirige os passos.

— É certo, minha amiga; quando sáe de casa antes de amanhecer, o seu rosto mostra-se radiante de alegria; mas quando volta á noite, cavallo e elle vem tristes.

— E não sabes tu, seu pagem favorito, para onde váe, nem d'onde vem?

— Não; só sei, que nem se profanam os templos ha dias a esta parte, e que as virgens do senhor dormem tranquillas nas suas cellas. Talvez que as tuas orações, Maria da minha alma, hajam concorrido para esta conversão.

— Ou talvez que seja effeito de conselhos e admoestações do prior de Roncevalles [1]. Dizem que é um santo varão, e que apesar de Lehet lhe ter saqueado por tres vezes o mosteiro, o bom do prior emprehendeu a pé o caminho do castello de Garro, com o unico fim de attrahir ao redil a ovelha desgarrada; porém Lehet, ou o tem insultado e escarnecido em presença dos companheiros das suas extravagancias, ou se conservou ausente, e o santo prior só tem encontrado a nobre castellã lavada em lagrimas. Oh! que homem, Luiz, que homem!

— Pois bem, Maria; se é tão mau, separar-me-hei d'elle, e virei unir-me a ti para toda a vida. Esqueçamos pois o barão; que temos com elle? Sejamos felizes, meu amor, sejamos ditosos; amo-te como louco, minha alma; sou e serei teu, todo teu para sempre. Vem, dá-me mil beijos; dá-m'os, meu anjo, e olvidemos nos braços um do outro o mundo e quantos n'elle habitam.

A candida menina salta alegre; corre d'aqui para alli em procura de flores; com ellas compõe um ramalhete, e mette-o no cinto de Luiz.

Todo o dia passam juntos, Lehet e a filha da viuva.

Chegou a noite; acode Zafiro ao chamamento do dono, o qual despedindo-se amorosamente da sua querida, monta a cavallo, e esconde-se lentamente no bosque, voltando a miudo a cabeça e sorrindo-se ao ver Maria que o saúda dizendo-lhe:

— Até amanhã, querido Luiz; até ámanhã.

Em quanto o barão passa os dias e as semanas ao lado da aldeã, Bertha reza fervorosamente perante a Virgem, e os companheiros de Luiz admiram-se de o não encontrar nunca em casa.

O tempo corria, e as coisas continuavam no mesmo estado.

Certa manhã, o pateo quadrado da morada senhorial apinhou-se de caçadores alegres, cães buliçosos, e pagens risonhos. Entre a brilhante comitiva viu-se apparecer o barão de Garro, com grande admiração de palafreneiros e curiosos.

Deu-se o signal da partida, e a cavalgada desappareceu nos bosques.

Maria estava sentada, segundo o costume, junto de uma fonte que brota da rocha visinha, e se desliza murmurando por entre verdes espadanas.

Na mão direita sustentava um fresco ramalhete de rosas e açucenas silvestres; na esquerda o molho de herva destinado a Zafiro.

A formosa aldeã fitava os olhos na limpida corrente do arroio; e vago e ineffavel sorriso se debuxava nos labios purpúreos como a cereja.

De vez em quando passava pela testa uma das mãos, e vivo rubor lhe incendia as faces.

Movia-se a copa de uma arvore pelo impulso da brisa matinal, e o corpo lhe estremecia de prazer ao rumorejar das folhas.

— Ainda é muito cedo; — murmurava recolhendo-se em seus pensamentos.

Cantava na enramada o cuco; Maria levantava-se, e dirigia a vista para o bosque.

— Ainda é mui cedo — murmurava de novo, e tornava a sentar-se, sempre com o sorriso nos labios e o carmim nas faces.

O vento da manhã trazia em seu regaço o latido longinquo do mastim, guarda fiel do rebanho; Maria applicava o ouvido, e seus formosissimos olhos brilhavam de prazer e felicidade

— Ainda é mui cedo — tornava a murmurar, inclinando para diante a cabeça.

Não se ouvia já nem o rumorejar das folhas das arvores, nem o canto do cuco, nem o latido do mastim, guarda fiel do rebanho.

A calma profunda de um meio-dia de verão reinava na paisagem.

Uma lagrima brilhante oscillava entre as longas pestanas de Maria; as flores do seu ramalhete iam murchando, e a herva do feixe perdia a frescura.

— Vae já sendo tarde — murmurou; — e a lagrima que oscillava nas pestanas, deslisando-se-lhe pelas faces, que haviam perdido o carmim, caíu no centro da rosa mais linda do ramalhete.

A flor sedenta absorveu aquella gotta amarga e seccou.

Atraz d'esta flor seccou outra, e depois o ramo inteiro.

—Vae já sendo tarde — balbuciou chorando.

1 Roncevalles é uma aldeia na provincia a 30 kilom. N. E. de Pamplona, onde houve, n'outro tempo, um mosteiro cujos monges gozavam certas immunidades. E tambem logar memoravel porque alli foi desbaratada pelos vascos a vanguarda do exercito de Carlos Magno, e morto Rolando (anno 787.)

E as cristallinas aguas do manancial reflectiram o rosto pallido e profundamente afflicto de Maria...

Tambem seccou o feixe. Herva após herva foi-se desfazendo, e quando nada lhe ficou entre as mãos attonitas, Maria velou com ellas o rosto, e agudos gemidos romperam o silencio do bosque.

Chegou a hora do crepusculo.

O gentil malviz, poisado no mais alto ramo de um carvalho, principiou a assobiar, saudando o sol que se occultava.

O bufo soltou o seu guincho agoireiro no escuro seio dos bosques.

— É... já... demasiado tarde... —disse Maria melancolicamente. E levantou-se.

Dirigiu para o bosque um ultimo olhar, porém tão triste, que era impossivel deixar de chorar, vendo-a.

Assim se passaram alguns mezes.

Todas as manhãs ouviu Maria o canto do cuco; todas as noites o silvo do malviz e o guincho do bufo.

A formosa aldeã está desfigurada.

Certo dia de primavera passou junto d'ella um lindo corvo, estendido o collo, fatigado, morto de cançaço; atraz do corvo appareceram corpulentos e ageis libreos; atraz d'estes, Luiz de Lebet, em meio de uma turba de caçadores, gritando:

— Upa, Zafiro! Upa!

Maria poz-se em pé como impellida por mola d'aço; tremiam-lhe os joelhos; o coração queria saltar-lhe do peito; doces lagrimas lhe assomaram ás palpebras; o sorriso da esperança entreabriu-lhe os labios, e sem poder articular uma palavra, só teve forças para não largar o ramalhete nem o feixe de herva.

Zafiro parou de repente, e rinchou de prazer.

Voltou Luiz o rosto quando Maria lhe apresentava o ramo de flores d'aquelle dia, que principava a sêccar.

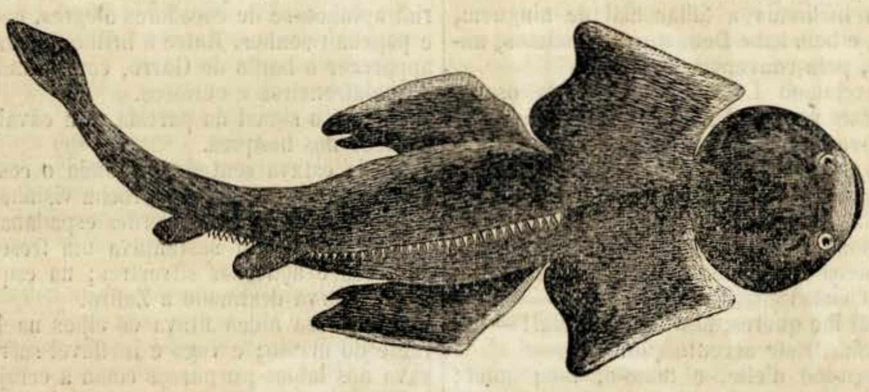
— Essas rosas estão já murchas—disse Luiz com accentuação ironica. Não gosto de flores seccas.

E esporeando o cavallo desappareceu como o raio, seguido dos companheiros que riam ás bandeiras despregadas.

Zafiro fôra mais agradecido que seu dono.

Maria caiu por terra sem soltar um ai.

(Continúa)



Anjo do mar

Parece absurdo haver *anjos* entre os *cações!* Pois ha. A uma especie d'estes cães do mar se deu tão mimoso nome, porque tem umas barbatanas peitoraes, mui brancas, que estando abertas parecem mesmo as azas de um anjo.

E apesar d'isto é um peixe horrendo. Tem a cabeça achatada e o corpo espalmado. A bocca é aberta na extremidade do focinho, e a ponta da lingua tuberculosa. Tem tres ordens de dentes, miudos, agudissimos e cerrados. Os olhos, em vez de estarem aos lados, ficam-lhe sobre a face dorsal, cercados de espinhas. Os ouvidos são grandes, e mui proximos um do outro. A pelle, dura e lixosa, é azulada e ás vezes pardacenta no lombo, e pelo ventre branca.

A carne é similhante á da arraia, na côr e no gosto. Dizem alguns que é de peior sabor, porém melhor que a dos outros cães do mar. O que se lhe aproveita bem é a pelle, usada nas artes com o nome de lixa. Já no tempo de Plinio se usava da lixa para polir o marfim e a madeira. Os povos do norte da Africa fazem d'esta pelle bainha para as suas armas cortantes.

Estes anjos marinhos vivem nas aguas do Oceano e do Mediterraneo, e andam aos cardumes, escondendo-se na vasa quando presentem peixe grande. Não fazem porém escrupulo de comer os pequenos, aos quaes dão caça como bons cães do mar que são. Os maiores tem $1^{m},60$ de comprimento, e pesam os seus 50 kilogrammas.

Os antigos conheciam este peixe, e sobre elle inventaram muitas fabulas. Aristoletes attribue-lhe a propriedade de tomar a côr do peixe que quer filar. Rondelet diz que tem treze filhos de uma vez, e que quando estão em perigo, salvam-se na guela da mãe.

Na medicina velha é que este anjo fazia muitos milagres. A pelle torrada e reduzida a pó empregava-se contra a alopecia, ou caída do cabello, e as janotas romanas, quando iam endurecendo, proviam-se logo de uma caixa d'estes pós maravilhosos. Tambem da pelle d'este anjo se fazia uma especie de sabão *(smegma)* para curar a sarna.

De todos estes prestimos, o anjo do mar só conserva o de dar boa pelle para lixar.

EXEMPLOS CLASSICOS

Um lobo, vestido na pelle de cordeiro, andava em um rebanho de muitas ovelhas, roubando e comendo muito, nos seguros do seu disfarce. O pastor, que sentia os roubos e não reconhecia o ladrão, ao recolher o rebanho deu com a vara em cada uma das ovelhas. Todas recebiam o golpe com a sua natural mansidão, e se calavam. Chega o lobo; leva o golpe, e dá um grande berro. Grita o pastor: Ah! infame, bem sabia eu que a falta de paciencia descobriria a tua malicia; porque as minhas ovelhinhas mostram que são ovelhas soffrendo e calando.

FR. MANUEL GUILHERME.

A dignidade de mestre eguala-se com a de pae; e acaso se avantaja, porque o mestre regenera os discipulos por mais alto modo que os paes geram aos filhos.

D. FR. MANUEL.